

## Introdução

...travelers move about under strong cultural, political, and economic compulsions and that certain travelers are materially privileged, others oppressed. These specific circumstances are crucial determinations of the travel at issue... Travel (...) denotes a range of material, spatial practices that produce knowledge, stories, traditions, comportments, music, books, diaries, and other cultural expressions (Clifford, 1997, p. 35).

Este trabalho se propõe a compreender como os indivíduos elaboram estratégias para se inserir num mundo em que o trânsito internacional ganha crescente valor e alimenta uma complexa gama de expectativas. Inspirada na abordagem antropológica, que tem a comparação como princípio metodológico, analiso a maneira como jovens peruanos, que num determinado momento de suas trajetórias decidiram vir para o Rio de Janeiro como estudantes universitários, atribuem sentido ao deslocamento e ponderam sobre as repercussões que ele provoca em sua subjetividade. Neste trabalho, partimos do princípio que os jovens peruanos, ao se tornarem estudantes estrangeiros no Brasil- e não imigrantes-, encontram a possibilidade de viver uma experiência migratória, um conjunto de vivências que, propiciadas pelo deslocamento simultâneo por diferentes espaços simbólicos e geográficos, permitem que os indivíduos lancem um olhar crítico sobre si, suas práticas, o país de origem e de destino.

A escolha de um tema de pesquisa nunca é feita de forma aleatória ou imparcial, mas sempre a partir da subjetividade do pesquisador, como já ressaltava Weber (2006). No meu caso, a definição do meu objeto de estudo foi construída ao longo de muitos anos, muito antes de eu imaginar me tornar cientista social e aluna de doutorado. Minha aproximação com o Peru teve início quando ainda era uma estudante graduação. Eu ingressei no curso de em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Norte Fluminense em 2002 e, logo no semestre seguinte à minha entrada na instituição soube que ela inaugurara seu primeiro programa de intercâmbio internacional. O destino eram os EUA e o programa previa a vinda de alunos americanos para o Brasil e de brasileiros para os EUA. Eu, que na adolescência sonhava sair do Brasil rumo a um país “desenvolvido”, mas nunca tive condições econômicas para tal, pensei: “esta é a

minha chance de sair do país!”. Quando as inscrições para os alunos brasileiros foram abertas, eu não pensei duas vezes: me candidatei a uma vaga. Eu passei na seleção e no primeiro semestre de 2003 fui estudar em Fairfield University, em Connecticut, EUA.

Minha experiência como estudante de intercâmbio nos EUA me levou a refletir sobre o sentido do deslocamento que eu vivia, um deslocamento que, para além de físico, era também cultural, sentimental e cognitivo que marcou minha vida para sempre. Até hoje, me lembro de fatos que aconteceram comigo nos EUA, como, por exemplo, meu primeiro contato com os afro-americanos e a profunda amizade que tive com alunos de diferentes lugares do mundo, como China, Bielorrússia, Moldávia e Bulgária. Todos nós tínhamos enfrentado dificuldades de nos relacionar com os estudantes norte-americanos. Também me lembro das refeições brasileiras que eu, os dois alunos brasileiros de Manaus que participavam do mesmo programa que eu e o Mark, aluno de Fairfield University que no semestre anterior estudou comigo na UENF fazíamos regularmente. E também até hoje, o semestre que passei em Fairfield University chama atenção minha carreira profissional. Sempre que participo de processos seletivos como concursos para professor e de seleção para cursos de mestrado e doutorado, um ponto que todos os avaliadores me perguntam é sobre o período que vivi nos EUA como bolsista da CAPES.

Entre as disciplinas que eu cursei no intercâmbio, a que mais me instigou foi "Política da América Latina". O curso era composto por duas partes: uma primeira parte teórica mais geral sobre processos históricos na região e outra com estudos de caso de determinados países, entre eles, El Salvador, Brasil e Argentina. O professor que ministrava esta matéria, o Prof. Edward Dew, havia morado no Peru e no final dos anos 60, realizou um trabalho de campo em Puno, serra sul do país. Além de ter vivido no Peru, ele já desenvolveu pesquisas no Suriname.

Além do contato com o Peru através do Prof. Dew, um episódio que aconteceu comigo em Fairfield university ficou registrado na minha memória. Na biblioteca da universidade, trabalhava um senhor que sempre tinha um semblante muito sisudo, muito mais do que os outros funcionários, a ponto de me chamar a atenção. Um dia, eu estava saindo da biblioteca e percebi que a pessoa que estava imediatamente atrás de mim também ia sair. Gentilmente, depois que passei,

segurei a porta para que a pessoa pudesse passar. Para minha surpresa, a pessoa que estava atrás de mim era o senhor sisudo. Ele ficou tão feliz com meu gesto que sua fisionomia fechada deu lugar a um entusiasmado sorriso.

Eu não entendi o porquê do seu entusiasmo, pois segurar a porta para as pessoas era um hábito amplamente difundido na universidade, que eu tratei de aprender assim que cheguei. Imaginei que talvez as pessoas segurem as portas umas para as outras, mas talvez não para ele, que trabalhava na universidade como faxineiro. Ainda tomado pela alegria do meu gesto, o senhor não apenas sorriu para mim, como me cumprimentou. E, observando que eu era estrangeira, perguntou de qual país eu vinha. Quando respondi “Brasil”, o senhor expandiu ainda mais o caloroso sorriso e com muita euforia me disse: “*Brasil?! Eu sou peruano! Somos vizinhos!*”

*Somos vizinhos?!* A exclamação do senhor peruano para mim significava mais uma pergunta do que uma afirmação categórica. Sem dúvidas, Brasil e Peru estão próximos geograficamente, mas no meu cotidiano nos EUA, eu percebi o qual distante eu estava culturalmente dos países latino-americanos. Na disciplina que eu cursava, eu me surpreendi com meu absoluto desconhecimento sobre os países latino-americanos, mesmo aqueles mais próximos, como o Peru. Isto me gerou um profundo desconforto.

No dia a dia, o desconforto se aprofundava. Havia uma noção por parte dos norte-americanos e outros estrangeiros nos EUA de que eu, como brasileira, compartilharia com outros latino-americanos uma espécie ‘cultura latina’, sobretudo através da comida, da dança e da língua. A ideia que eles tinham é que eu, como brasileira e, portanto, latina, comeria comida apimentada, dançaria salsa e merengue e teria o espanhol como língua nativa. Nenhuma das três opções se enquadrava no meu caso. Eu também não correspondia às expectativas dos latino-americanos, para quem eu era uma decepção, pois não compartilhava de nenhum código cultural com eles, como o gosto pela comida mexicana ou por cantores latino famosos em todo o continente- exceto Brasil-, como o americano com pais porto-riquenhos, Marc Anthony.

Voltei ao Brasil decidida a conhecer os países do continente. Também decidi que em algum momento da minha trajetória acadêmica trabalharia com um tema de pesquisa que envolvesse outro país do continente que não o Brasil. Em

2007, tomei a decisão de que este país seria o Peru. Naquele ano, fiz minha primeira viagem para um país da América do Sul, o Peru, visitando as cidades de Lima e Cusco. Fiquei impressionada, primeiro, com a beleza do país e pela herança histórica pré-colonial muito bem preservada, não apenas na mundialmente conhecida Machu Picchu, mas também por toda Custo, e também com a organização de Lima.

Também me impressionei com o fato de que eu não tinha a menor ideia de como seria o Peru, do que eu encontraria no país, do tipo de comida que se come lá, de qual tipo de música se ouve. Naquela viagem, eu percebi na prática o que eu já tinha descoberto na teoria, no curso de "Política da América Latina" e na convivência com norte-americanos, latino-americanos de demais estrangeiros nos EUA: a aproximação geográfica não garante por si só outras aproximações, como a cultural, por exemplo. Apesar do Brasil e do Peru compartilharem quilômetros de fronteiras, eu me senti mais estrangeira no Peru do que nos EUA.

O contato que eu já havia tido com os EUA antes de ir para lá tinha sido muito mais profundo do que o contato que tive com o Peru. Antes de ir para os EUA, eu já tinha estudado 5 anos inglês, ouvia muita música americana, assistia filmes e seriados, me correspondia com adolescentes dos EUA. Já com o Peru, eu não tinha nenhum contato, a não ser com dois peruanos que conheci no Fórum Social Mundial de 2005. Um deles foi ao Fórum já preparando seu retorno para Porto Alegre, onde ia cursar o mestrado. Foi ele quem me incentivou a conhecer o Peru. O contato com os dois peruanos não foi suficiente para que eu construísse uma imagem sobre o Peru. Apesar da distância geográfica entre o Brasil e os EUA ser consideravelmente maior do que entre o Brasil e o Peru, culturalmente os EUA estavam muito mais próximos de mim. E minha relação com o Peru esteve diretamente relacionada com as experiências que vivi nos EUA. A relação Sul-Sul que eu estabeleci primeiramente na minha experiência pessoal e depois na minha vida acadêmica foi diretamente influenciada pelo Norte, pelo que vivi e senti como estudante estrangeira nos EUA.

Voltei do Peru imaginando como seria para os peruanos sair do Peru rumo ao Brasil e o qual o sentido, para eles, vir para um país que, além de não ocupar um lugar entre os países do capitalismo central, mantém uma significativa distância cultural do Peru. Comecei então a refletir sobre os sentidos que entram

em jogo na experiência migratória e que servem como fundamento e justificativa para se deslocar por diferentes países do mundo. Assim, comecei a pensar: o que leva os peruanos a virem para o Brasil? Quais são seus objetivos? Como o Brasil começou a fazer sentido como um possível destino para os peruanos? Em que medida estes sentidos são construídos pelos indivíduos e seu círculo de convivência? Como suas redes sociais influenciaram o deslocamento para o Brasil, objetiva e intersubjetivamente? Estas foram as perguntas iniciais que me levaram a campo.

## II.

O deslocamento de jovens peruanos para o Rio de Janeiro como estudantes se difere do fluxo de saída de peruanos predominante no Peru, incentivado principalmente por motivos econômicos e tem como principais destinos EUA, Espanha e Itália, no hemisfério norte, e Argentina e Chile, no hemisfério sul. Vivendo num país em que a presença estrangeira é constante no cotidiano, através, por exemplo, de programas de televisão e cinema, redes de *fast food*, lojas de grande marcas internacionais e ainda do contato com peruanos que vivem no exterior, para os estudantes, ir para o exterior é uma realidade próxima da sua imaginação (Appadurai, 1996).

Portanto, a decisão de estudar no Rio de Janeiro não se dá num vazio. Ela está inserida num contexto em que os estudantes avaliam as oportunidades e condições- econômicas, sociais, acadêmicas- dentro e fora do Peru para preencher suas expectativas mais amplas. No processo de decisão, eles levam em consideração o mercado de trabalho e de diplomas de seu país e percebem que ter um diploma brasileiro pode render mais vantagens do que um peruano. Além disso, os estudantes também analisam que não apenas o mercado de trabalho peruano, mas também a sociedade no país valoriza os indivíduos que vivem uma experiência internacional, considerados como mais cosmopolitas do que aqueles que nunca estiveram no exterior.

O deslocamento dos estudantes do Peru para o Brasil tem também como pano de fundo um complexo conjunto de hierarquias e relações de poder. As oportunidades de viajar pelo mundo estão desigualmente distribuídas entre os indivíduos de acordo com uma combinação de fatores como a origem nacional, as

condições econômicas e a etnia, que constroem os indivíduos na sua forma de se deslocar pelo mundo. Clifford (1997) alerta que no discurso dominante da viagem, as pessoas não brancas nunca aparecem, assim como as mulheres, que, quando aparecem, é como acompanhantes, coadjuvantes nas viagens protagonizadas pelos homens.

Neste discurso, prevalece o mito da independência, ou seja, a ideia do viajante que se desloca livremente por um mundo para ele sem fronteiras. No entanto, Clifford chama atenção para o fato de que todo viajante segue determinados itinerários, segundo as condições políticas, sociais e econômicas que influenciam o deslocamento. Tais fatores atuam de forma ainda mais incisiva quando aquele que viaja é um imigrante, que se desloca em busca de melhores oportunidades de trabalho. Ou ainda, um empregado, que viaja acompanhando seus patrões (Clifford, 1997, p. 35). Eles também se deslocam, porém não são considerados viajantes.

Clifford analisa que, embora exista uma cultura dominante de viagem, que se desenvolveu no ocidente e influenciou inclusive a noção de etnografia- do viajante (e do antropólogo) como o homem, branco, ocidental, civilizado-, outras culturas de viagem existiram e continuam a existir, produzindo múltiplas culturas de viagem. A cultura dominante de viagem parte do princípio que enquanto certas pessoas no mundo são cosmopolitas, todo o resto está enraizado em seus locais de residência, e por isso são os "nativos" (Clifford, 1997, p.36). O trabalho de Bálamo (2009) com transmigrantes que embarcaram sem autorização em navios saindo de diferentes países da África para a América é um exemplo de uma cultura de viagem particular, elaborada por negros africanos na atualidade que desafia a dominante.

No caso dos estudantes peruanos, são eles, em tese meus "nativos", que viajam, enquanto eu, pesquisadora, continuo no meu lugar de residência. Tal característica se difere da forma tradicional como os "nativos" e antropólogos foram representados na história da Antropologia: os primeiros seriam indivíduos portadores de uma cultura, circunscrita a um determinado local; já os segundos seriam indivíduos cosmopolitas que circulariam pelo mundo (Clifford, 1998). Por outro lado, na relação entre os estudantes peruanos e eu, nenhum de nós nos encaixamos completamente no perfil de viajante associado à cultura dominante de

viagem: ambos somos oriundos de países em desenvolvimento, sul-americanos e na geografia simbólica (Bálsamo, 2009) mundial, não somos considerados tão ocidentais e cosmopolitas como os cidadãos das grandes potências do hemisfério norte; e ainda, muitos de nós não nos encaixamos no perfil do viajante dominante ao qual Clifford se refere, seja porque não somos brancos ou oriundos de um país desenvolvido.

Os estudantes peruanos encontram com uma situação peculiar. Como cidadãos peruanos, eles encontram facilidades legais para circular pela América Sul. Desde meados da década de 2000, eles podem viajar para o Brasil, por exemplo, apenas com seu documento nacional de identidade- sem precisar de visto ou mesmo passaporte. Porém, não é para o Brasil ou para países da América do Sul que grande parte dele gostaria de ir. O desejo deles era ir para o hemisfério norte. Nos países dessa região, ao contrário do que acontece no continente sul-americano, o controle da entrada de peruanos é severa, sendo solicitado visto para entrar em países como EUA, Alemanha e Itália, países para onde muitos deles gostariam de ir.

Por outro lado, a predominante saída de peruanos do país por razões econômicas ganhou tamanha visibilidade no Peru e no exterior a ponto de ofuscar as outras modalidades de deslocamento, como a realizada pelos estudantes. Eles ficam assim invisíveis diante do numeroso fluxo de emigrantes que vão para exterior em busca de trabalho. Enquanto Clifford se refere a um discurso dominante sobre a cultura da viagem como algo restrito a determinadas classes, na especificidade do caso peruano, a cultura dominante da viagem, que na sua história esteve associado às elites que iam estudar no exterior e renovar seu *status*, hoje está amplamente relacionada aos inúmeros peruanos que, afetados pela crise política e econômica começaram a deixar o país de forma maciça nos anos 80 para se inserir principalmente em atividades não qualificadas.

Acionando seu capital social, os estudantes peruanos encontram na educação superior a oportunidade de ir para o exterior de uma maneira institucionalmente protegida, socialmente prestigiada e simbolicamente valorizada. O acesso à informação sobre a obtenção de bolsas de estudos foi um grande estímulo para que eles chegassem à decisão de sair do Peru tendo o Brasil como destino. Muitos deles já tinham pensado em sair do país, como estudantes

ou não. Os que pensaram em sair como emigrantes desistiram da ideia por avaliá-la como muito arriscada. Os que já tinham imaginado sair do país como estudantes não tiveram as condições, principalmente econômicas, que tornassem este um plano viável. É neste contexto que estudar no Brasil surge então como a possibilidade de sair do Peru e viver uma experiência internacional de uma maneira mais positiva e valorizada socialmente do que outras formas de mobilidade.

Nesta tese eu me coloco a compreender como jovens peruanos que chegaram ao Rio de Janeiro como estudantes universitários entre 1983 e 2012, com idade entre 16 e 40 anos interpretam seu deslocamento e a si mesmos como parte de um mundo que ultrapassa as fronteiras do Estado nacional e, a partir disso, constroem uma *experiência migratória* que marcará sua trajetória. Para realizar tamanho empreendimento, desenvolverei uma análise que leva em consideração não apenas os aspectos estruturais e macrossociológicos que motivaram o deslocamento, mas também sua dimensão subjetiva e cultural. As noções de *projeto* e *campo de possibilidades* desenvolvidas por Velho (1981;1999; 2009) serão o referencial teórico que balizarão esta análise, uma vez que permitem pensar a relação entre os indivíduos, suas ações e estrutura onde estão inseridos no processo migratório.

Velho (2009) explica que as sociedades moderno-contemporâneas são caracterizadas pela coexistência de diferentes mundos e valores. Nelas, os indivíduos estão constantemente diante de uma diversidade de experiências, realidades e contextos, que possibilitam seu trânsito por diversos universos simbólicos. Os sujeitos agem de acordo com escolhas mais ou menos conscientes e são constituídos a partir do conjunto de experiências e interações que vivem ao longo de suas trajetórias. As noções de *projeto* e *campo de possibilidades* compreendem a singularidade do indivíduo e seu potencial de ação ao mesmo tempo em que reconhecem o indivíduo e suas ações como inseridos num o contexto cultural. Velho entende o *projeto* como uma ação com um objetivo predeterminado, se referindo a uma dimensão prospectiva, ou seja, uma ação empreendida com a expectativa de obter um resultado num tempo futuro. Por isso, o *projeto* é constituído por uma racionalidade canalizada para a obtenção de um

fim específico. Os sujeitos planejam suas condutas, as interpretam, podem explicá-las e (re)avaliá-las.

Na construção de seus *projetos*, os jovens peruanos não estão sozinhos: participam deles outros indivíduos que direta ou indiretamente influenciam sua vida acadêmica, profissional e pessoal- pais, amigos, colegas de turmas, colegas de trabalho, empregadores, professores. Para eles, estudar fora do Peru apresenta múltiplas motivações, desde a obtenção de um diploma que se distingue daqueles obtidos no país; desenvolver projetos de pesquisa; conhecer outra realidade cultural e até se afastar da interferência da família na gerência de sua vida. Sair do país como estudantes de graduação ou pós-graduação representa, para muitos, uma estratégia para acumular recursos sociais, acadêmicos e simbólicos para se inserir tanto na sociedade peruana como para ampliar as possibilidades de viajar pelo mundo.

Sair do Peru como estudante também representa uma possibilidade de vislumbrar alternativas de vida e trabalho mais diversificadas do que no Peru. No campo de trabalho, como um país em desenvolvimento no capitalismo mundial, o Peru apresenta um mercado de trabalho e de produção limitado; por outro lado, muitos estudantes percebem a sociedade como endógena, fechada e tradicional, que atribui aos indivíduos determinadas expectativas e exerce grande pressão sobre suas escolhas. Além disso, na sua vida cotidiana, os estudantes estão frequentemente em contato com outros países do mundo através de elementos como uma produção cultural em massa, viagens e a presença de empresas estrangeiras no Peru. Todos estes fatores compõem o pano de fundo dos *projetos*, o que significa que sua racionalidade é sempre relativa. Os projetos nunca são elaborados em isolamento, mas estão sempre contextualizados. Os indivíduos elaboram seus projetos a partir de suas experiências e sua relação com outros *projetos* e indivíduos:

... a racionalidade de um projeto é relativa desde que se alimenta de determinadas experiências culturais... O projeto, enquanto conjunto de ideias, e a conduta estão sempre referidos a outros projetos e condutas localizáveis no tempo e no espaço. Por isso é fundamental entender a natureza e o grau maior ou menor de abertura ou fechamento das redes sociais em que se movem os atores. Posso me inspirar em algum varão de Plutarco, mas tenho de levar basicamente em conta os meus contemporâneos com quem terei de lidar para procurar atingir meus objetivos,

Serão aliados, inimigos ou indiferentes, mas serão seus projetos e condutas que darão os limites dos meus (Velho, 1981, p. 28).

Através da noção de projeto, Velho reconhece o lugar do indivíduo na vida social como agente com potencial de metamorfose. Ele não age num vazio, mas sempre se relacionando com outros indivíduos e inserido num determinado quadro sociocultural, isto é, a partir de *um campo de possibilidades*. Será este quadro que apresentará aos indivíduos o repertório de valores e significados reconhecidamente importantes para determinada cultura, através dos quais eles construirão seus *projetos*. Ou seja:

Os *projetos* individuais sempre interagem com outros dentro de um *campo de possibilidades*. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios. Suas pertinência e relevância serão definidas contextualmente (Velho, 1999, p. 46)

Partindo do princípio que o *projeto* se (re)constrói dentro de um *campo de possibilidade*, os estudantes peruanos são compreendidos como sujeitos que agem segundo determinados objetivos a partir de um *projeto*, cuja construção, que envolve tanto um plano subjetivo quanto um objetivo, se efetiva a partir de certas condições sociais, econômicas, afetivas, profissionais, familiares, acadêmicas e políticas, previstas ou não por eles, isto é, de seu *campo de possibilidade*. A chegada no Rio de Janeiro não coloca um ponto final na trajetória destes jovens. Ao contrário: será em terras estrangeiras e nas experiências vividas neste contexto que eles encontrarão um terreno fértil para reavaliar o projeto inicial; confrontá-lo com outros anteriores ou concomitantes e elaborar novos, refletindo sobre si e seu futuro.

A partir do auxílio das noções de *projeto* e *campo de possibilidades*, este trabalho tratará de investigar a interpretação que os jovens estudantes fazem de seu deslocamento para o Rio de Janeiro através da análise de sua *experiência migratória*. Apesar não se inserirem no perfil mais tradicional de um imigrante, que é representado pela sociedade receptora como aquele que sai de seu país em busca de trabalho (Sayad, 1998), defendo a tese que o deslocamento realizado pelos interlocutores desta pesquisa se desenvolve como uma *experiência*

*migratória*: ela vai se construindo antes do jovem sair do Peru; estará em constante reavaliação no período de estudo no Rio de Janeiro e deixará nele marcas indeléveis mesmo depois de se formar. Em outras palavras, apesar dos não ser classificados como imigrantes jurídica e socialmente, principalmente porque não saem do país como trabalhador e sua presença no exterior é imaginada como temporária, os estudantes peruanos vivem uma *experiência migratória*.

Para fins de análise, proponho uma definição de *experiência migratória* como um conjunto de vivências experimentadas por cada indivíduo num contexto de deslocamento geográfico, segundo o quadro sociocultural no qual está inserido- dentro e fora de seu país. No deslocamento geográfico, estes indivíduos encontram uma oportunidade para desenvolver práticas e valores que colocam de encontro as sociedades de origem e destino e que possibilitam rearranjos originais e singulares entre as experiências vividas em ambos os países e a interpretação que fazem delas.

Oportuno é esclarecer que o que chamo aqui de *experiência migratória* não é algo dado, um fato inevitável que qualquer pessoa que sai do seu país de origem está fadada a viver. É possível ir para outro país sem que isso signifique viajar por universos simbólicos, como aqueles que viajam e se hospedam na mesma rede internacional de hotéis; comem na mesma rede internacional de restaurante; circulam por espaços muito semelhantes por todos os países por onde vão, como shoppings, aeroportos, empresas e universidades (Bauman, 1999). Para estas pessoas, o deslocamento internacional é vivido como um contínuo processo de reterritorialização, que se caracteriza como uma capacidade de se apropriar cultural, política e simbólica do território, vivido principalmente pelas elites "globalizadas" (Haesbert, 2006).

A *experiência migratória* é um processo no qual o indivíduo, através do deslocamento geográfico, encontra a possibilidade de circular por outros universos culturais e simbólicos e de lançar um olhar distanciado tanto sobre o país de destino, como do país de origem e sobre si mesmo. Ou seja, na *experiência migratória* a dimensão física do deslocamento não é preterida: ela é reconhecida como importante, porém não é a única condição para que os indivíduos (re)pensem a si mesmos como sujeito entre/em dois países.

Por isso, não seria correto supor que todos os estudantes peruanos no Rio de Janeiro necessariamente vivam uma *experiência migratória* ou todos a vivam da mesma maneira. Mais do que uma posição dentro de um determinado espaço físico, a *experiência migratória* se configura como uma posição dentro de espaços sociais e simbólicos, posição esta caracterizada por um duplo movimento de distanciamento e proximidade, semelhante à experiência do estrangeiro em Simmel (2005). O distanciamento se remete à capacidade de questionar ou desnaturalizar o que no país de origem e de destino é vivido como natural- de ver os dois países como alguém de fora; a proximidade se refere ao sentimento de, como humanos, encontrar pontos de identificação tanto com peruanos, como com brasileiros e estrangeiros de outras nacionalidades, desenvolvendo uma empatia com pessoas de outros lugares do Peru, do Brasil e do mundo.

Socialmente, o estudante é entendido como um indivíduo, jovem em processo de preparação para a vida adulta e para o mercado de trabalho, por isso, o término do curso universitário representa também uma passagem da universidade para o mercado de trabalho, da juventude para a vida adulta (Elias, 1994). Como estudante no exterior, ele é então compreendido pela sociedade brasileira e peruana como um ser em formação- acadêmica e pessoal- e esta formação tem um prazo para ser concluída. Uma vez terminado este prazo, ele deixará de ser estudante- acadêmica, jurídica e socialmente para ser reconhecido como um adulto, um profissional qualificado que terá que decidir sobre seu presente e seu futuro.

### III.

Apesar da ideia de estudar a imigração peruana no Brasil ter começado a ser moldada desde 2003, esta pesquisa e a consequente definição deste objeto só foram possíveis a partir da construção de determinadas redes que tornaram essa pesquisa uma realidade. Embora eu tivesse um antigo desejo pelo tema da imigração e quisesse relacioná-lo com o Peru, esta tese só foi possível porque ao longo da minha trajetória eu encontrei condições para desenvolvê-la. E estas condições nunca estiveram dadas e prontas, mas foram construídas ao longo das experiências que vivi ao longo do trabalho de campo, de participar de encontros acadêmicos e através do intenso diálogo com aqueles interessados em minha

pesquisa. Isto significa que meu *projeto* também esteve inscrito num determinado *campo de possibilidades* (Velho, 2009).

Quando ingressei no doutorado em Ciências Sociais na PUC-RJ em 2010, retomei o plano que havia elaborado anos antes, de estudar um tema relacionado ao Peru. Apesar da decisão, eu continuava conhecendo pouco sobre o Peru e encontrando poucas referências bibliográficas sobre este país andino no Brasil, o que me preocupou muito. No entanto, alguns fatos me estimularam a seguir com o projeto inicial. Quando eu ainda estava nos EUA, certa vez, o Prof. Dew convidou um antropólogo peruano que ministrava aulas em Yale para dar uma palestra em Fairfield University, o prof. Enrique Mayer. Eu me lembrava que tinha ido e lá conheci sua esposa, que é brasileira do Rio de Janeiro. Quando em 2007 decidi aprender mais sobre o Peru, pedi ajuda ao Prof. Dew, que me recomendou entrar em contato com o Prof. Mayer. Todos os anos, ele e sua esposa passam férias no Rio de Janeiro, por isso, desde 2008 sempre consigo encontrá-los para conversar sobre minhas ideias.

Como um dos expoentes da Antropologia Peruana que é, o Prof. Enrique Mayer tem um vasto conhecimento sobre os temas peruanos explorados pelas ciências sociais no Peru e no exterior. Ele tem me ajudado muito, me colocando em contato com pesquisadores peruanistas em áreas afins ao que pretendia estudar, além de me indicar referências bibliográficas sobre o tema. Através dele, fui apresentada a outros pesquisadores- peruanos e estrangeiros-, que se dedicam a assuntos peruanos, inclusive a imigração. Com ele também travei longos diálogos sobre minha experiência de campo, os quais foram fundamentais para que compreender determinados símbolos e significados compartilhados pelos peruanos, que para mim eram como enigmas de difícil compreensão.

Outro fato que contribuiu de maneira singular na definição do objeto foi o meu ingresso no doutorado em Ciências Sociais da PUC-RJ. Quando eu decidi me candidatar à universidade, eu não imaginava que nela havia tantos alunos estrangeiros, entre eles muitos peruanos, a maioria estudantes de pós-graduação nas diferentes áreas da Engenharia. Um lugar sempre privilegiado para encontrá-los é o restaurante universitário, o *bandejão*. Nos horários de almoço e jantar, é sempre muito comum encontrar grupos de peruanos que se reúnem para comer juntos. Esses grupos variam de tamanho, mas o que eles têm em comum é que

raramente há neles alguém que não seja peruano e a língua de comunicação é sempre o espanhol. Em princípio, eu não consegui participar de nenhum desses grupos, o que só foi possível quando conheci peruanos que me convidavam para almoçar ou jantar com eles e seus amigos.

Apesar de também estudar na PUC-RJ, foi fora dela que eu conheci os peruanos que me convidavam fazer refeições com eles e seus amigos. Em 2011, quando comecei a me inserir no campo, conheci o grupo *Sayari Danzas Peruanas*. Eu soube do grupo através da sua diretora geral, que mantém um blog na *internet*. Pelo seu blog, enviei um email para ela contando da minha pesquisa e perguntando se ela poderia me ajudar a conhecer outros peruanos. Prontamente, ela me respondeu que sim. Em maio de 2011 comecei a frequentar os ensaios, que é formado principalmente por estudantes peruanos. Eles se encontram semanalmente às quintas-feiras para treinar as coreografias e manter contato uns com os outros. Quando comecei a ir aos ensaios do *Sayari*, dois dos seus integrantes mais assíduos eram estudantes da PUC-RJ e um deles se ofereceu para ajudar na minha pesquisa. Foi através dele que comecei a ser apresentada a outros peruanos que estudam na PUC-RJ.

Se somos formados em nossas interações (Velho, 2009), assim também se formam nossos objetos de pesquisa. Este teve sua construção gestada no meu intenso convívio com os peruanos sobretudo, mas não apenas, estudantes e ex-estudantes. Neste processo, foram fundamentais as contribuições dos trabalhos como os de Hirsch (2007), sobre estudantes caboverdianos e de Santos (2012), sobre estudantes congolese, ambos no Rio de Janeiro e ainda o trabalho de tese em andamento de Gisele Almeida, sobre estudantes brasileiros na França. Além das reflexões que seus trabalhos me proporcionaram, Almeida e Santos se tornaram interlocutoras privilegiadas, com as quais pude compartilhar minhas dúvidas, incertezas e inseguranças com relação à definição do que seria meu objeto de pesquisa.

Almeida, por exemplo, me mostrou que, ainda que os estudantes peruanos apresentem um perfil que se diferencia do que se compreende como imigrante- e meu plano inicial era escrever um trabalho sobre imigrantes peruanos-, sua análise traz grandes contribuições para os estudos migratórios. Nas conversas com ela foi que percebi que a mobilidade estudantil é uma modalidade de trânsito que ainda

se tem poucas reflexões a respeito e, em muitos casos, ela é uma etapa para muitos que querem se tornar imigrantes. E isto observei na minha convivência com os peruanos. Numa parte muito significativa dos eventos públicos peruanos na cidade no Rio de Janeiro predominava a presença de estudantes ou ex-estudantes. Me chamou muito a atenção o protagonismo deles na construção de uma vida pública peruana no exterior. Foi neste processo de frequentar ativamente os eventos organizados por estudantes e ex-estudantes que fui percebendo a importância de se realizar uma análise da experiência vivida pelos estudantes e, aqui, reforçam sua identidade como peruanos. A partir da reflexão sobre a *experiência migratória* podemos ampliar nossa compreensão sobre a mobilidade estudantil, sua relação objetiva e subjetiva com outros tipos de fluxos, como as migrações internas e internacionais e seu significado para o país de origem, de destino e para os estudos migratórios.

#### IV.

Uma característica das Ciências Sociais que o pesquisador precisa ter em mente é que tanto ele como os sujeitos da pesquisa atribuem significados ao mundo em que vivem, por isso, a pesquisa tem como princípio epistemológico a hermenêutica dupla (Giddens, 1989). Será na interação entre o pesquisador e os pesquisados que se realizará a produção de conhecimento. Nela, a subjetividade não é preterida ou renegada, mas reconhecida como parte fundamental do trabalho de investigação (Clifford, 1998; Geertz, 2001; Da Matta, 1978; Velho, 1978), tornando possível a realização do desafio antropológico, que é a aproximação de diferentes universos de significado- o do pesquisador, o dos pesquisados e o do público leitor (Geertz, 1978). O trabalho de campo etnográfico se constitui um método de pesquisa privilegiado para realizar tamanha tarefa. Mais do que uma estratégia de coleta de dados, ele se configura como um modo de agir que abarca concomitantemente razão e emoção, intelecto e sentimento:

A característica mais marcante do trabalho de campo antropológico como forma de conduta é que ele não permite qualquer separação significativa das esferas ocupacional e não ocupacional da vida. Ao contrário, ele obriga a essa fusão. Devemos encontrar amigos entre os informantes e informantes entre os amigos... No seu ambiente, o antropólogo vai comodamente ao escritório exercer um ofício,

como todo mundo. Em campo, ele tem que aprender a viver e pensar ao mesmo tempo (Geertz, 2001, p. 45).

Na minha convivência cotidiana com peruanos de diferentes classes sociais, de diferentes locais de origem, que vieram para o Rio de Janeiro com diferentes objetivos, três elementos abriram as portas do campo para mim: falar espanhol, já ter ido ao Peru e ser negra. Quando iniciei o trabalho de campo, eu já tinha estudado espanhol- aos 13 anos de idade estudei o idioma por 2 anos-, mas ainda não era fluente. Os peruanos sempre adotaram uma postura muito positiva diante da minha vontade em melhorar meu espanhol. Eles admiram meu esforço e, pacientemente, sempre me ajudam a conjugar os verbos, eles também corrigem meus erros e me ensinam expressões tipicamente peruanas. Me tornei ainda mais fluente no idioma depois da minha entrada no Grupo *Sayari*, cujos integrantes se tornaram os amigos com quem mais mantenho contato regularmente. Hoje, eles me parabenizam por minha fluência no idioma e se orgulham quando conto para eles que já conheci pessoas cuja língua materna é o espanhol, como argentinos, chilenos e espanhóis, que me disseram que eu tenho sotaque peruano.

Já ter ido ao Peru me possibilitou fazer das viagens um tema para iniciar uma conversa. Eu sou muito tímida quando estou diante de pessoas desconhecidas, por isso, antes de conversar com algum peruano pela primeira vez, eu sempre planejava o que iria falar. Em geral, contar a um/a peruano/a que eu já estive em seu país me ajuda a quebrar o gelo e despertar nele/a se o interesse em conversar comigo. Conhecer o Peru me distingue dos outros brasileiros que, em geral, nunca foram ao país e nem demonstram interesse em conhecer peruanos. Assim, o desinteresse de grande parte dos brasileiros pelo Peru e os peruanos contribuiu para que eu fosse identificada como uma brasileira diferente dos outros, despertando o desejo de alguns em conversar mais comigo.

No primeiro semestre de 2011, recebemos na PUC-RJ como professora convidada a Dra. Suzanne Oboler. Ela pesquisa relações raciais na John Jay College of Criminal Justice, em Nova Iorque e, apesar de morar nos EUA, é peruana. Quando comentei com ela sobre meu tema de tese, ela me chamou para uma conversa privada e me indagou: “*qual é sua estratégia para se aproximar dos peruanos?*”. Em princípio, não entendi o teor da pergunta. Em seguida, ela

me explicou. No estudo que realizou sobre relações raciais no Peru, Suzanne identificou entre os peruanos um posicionamento hostil contra os negros, até mais que contra aos índios<sup>1</sup>. Por isso, ela acreditava que os peruanos no Rio de Janeiro poderiam ter o mesmo tipo de posicionamento comigo. Apesar da raça estar sempre presente, na minha experiência de campo nunca recebi um tratamento hostil por isso.

Como eu comecei a fazer trabalho de campo ainda sem ter delimitado aqueles que seriam o problema e o objeto de pesquisa, eu queria ter um convívio com o maior número de peruanos possível com o perfil mais diversificado que eu encontrasse antes de delimitar exatamente o que eu pesquisaria. Frequentar os ensaios do grupo *Sayari* teve um papel central na minha inserção no campo, pois através dos seus integrantes, eu era convidada a participar das atividades públicas organizadas por peruanos, principalmente quando o grupo ia dançar. Nos eventos, os integrantes do *Sayari* me apresentavam seus amigos, que por sua vez, me apresentavam a outros amigos e, num efeito bola de neve, fui ampliando minha rede de contatos entre os peruanos no Rio de Janeiro.

Grande parte dos peruanos que conheci através do *Sayari* e seus amigos tinha vindo para o Brasil como estudantes universitários, de graduação ou pós-graduação. Eles estudam (ou estudaram) em universidades como UFRJ, UniRio, PUC-RJ e UERJ. Alguns deles não apenas iam aos eventos, como também organizavam. O principal evento onde conheci mais peruanos foi a festa *Noches de Sol*. Se, por um lado, minha convivência com estudantes e ex-estudantes estava se tornando mais intensa, meu contato com outros peruanos, como os chamados *artesanos* (artesões)- vendedores ambulantes-, que trabalham no centro do Rio e em Copacabana ou os peruanos mais velhos e/ou das classes mais altas foi mais esparso e superficial.

Parte disso se deve ao fato de eu ter passado a frequentar os mesmos espaços que os estudantes e ex-estudantes, como as festas *Noches de Sol*, os shows do grupo *Negro Mendes* e o restaurante *Chicken Boom*. Dois peruanos que vendiam artesanato na porta do shopping Nova América, em Del Castilho, tinham uma postura mais aberta comigo e me chamaram para frequentar os jogos de

---

<sup>1</sup> Todos os estudantes peruanos entrevistados concordam que no Peru de hoje há racismo. Alguns concordam com Oboler que são os negros os que sofrem mais racismo no Peru.

futebol que seus amigos organizam. As partidas aconteciam regularmente, duas vezes na semana, no Aterro do Flamengo e começavam por volta das 22h. Os dois peruanos moravam na Lapa, assim como seus amigos. Eu, no entanto, moro longe do local onde ocorrem as partidas ou de onde moram os jogadores, por isso nunca me animei a ir aos jogos.

Além da distância e do horário do jogo, eu também não me senti estimulada para ir aos jogos de futebol no Aterro porque este é um espaço predominantemente masculino. No meu breve contato com peruanos das classes mais baixas, eu percebi que não eram raras as vezes que, principalmente os homens, usam marcadores de gênero e raça para se referir a mim. "*Morena*" era a forma como alguns me chamavam, como uma espécie de eufemismo para "negra". Um desses peruanos que conheci no Shopping Nova América tinha o costume de só me chamar de "*morena*", o que me incomoda muito. Cansada de ser chamada por uma categoria racial, um dia perguntei se ele sabia meu nome. Ele me respondeu: "*sim. Seu nome é Camila*". E concluí: "se você sabe meu nome, me chame por ele. Não me chame de *morena*". "*Morena bonita*" era ainda a expressão que empregavam para mim quando flertavam, o que me deixava ainda mais desconcertada. Embora estes termos fossem usados em tom de elogio, para mim, eles representavam um violento demarcador de raça que geravam em mim um profundo incômodo, desconforto e constrangimento.

Entre os peruanos que conheci através dos estudantes, a raça não deixava de existir, porém ela se manifestava de maneiras mais sutis. Eles nunca trocaram meu nome por nenhuma denominação racial, por exemplo. E as referências raciais que até hoje fizeram nunca me incomodaram, como os inúmeros elogios à cor da minha pele e ao meu cabelo. A raça também esteve presente na minha entrada oficial no grupo *Sayari*, que se deu quando fui convidada para recitar o poema "Me gritaron negra" (*ver anexo 1*), da artista afroperuana Victoria Santa Cruz, cujo sucesso culminou com a organização do evento *I Encontro Brasil-Peru: conexões entre culturas negras*, realizado em novembro de 2012 (*ver cartaz no anexo 2*).

Como integrante do grupo, realizei algumas apresentações- do poema e de uma dança chamada *tondero* em eventos importantes para a comunidade peruana, como a festa do dia da independência e a celebração de *Sr. de los Milagros*, santo

padroeiro do Peru. Minha ativa presença na vida pública dos peruanos no Rio de Janeiro me rendeu o título, dado pelos peruanos com quem convivo, de “*a brasileira mais peruana*” que eles conhecem ou ainda de brasileira *peruanizada*.

Além de participar de eventos e encontros presenciais, minha relação com os estudantes peruanos se tornou mais profunda através das redes sociais pela internet, principalmente o *facebook*. Ele foi uma importante ferramenta na manutenção de laços nós, através do envio de mensagens- em tempo real ou não-, convites para eventos e compartilhamento de informações, fotos, músicas e vídeos. Este tem sido um recurso muito profícuo para aprofundar a intimidade com aqueles que eu conhecia e ainda conhecer outras pessoas. Este meio me ajudou a me aproximar ainda mais dos estudantes, que usam a internet cotidianamente em seus laboratórios de pesquisa, no seu trabalho e em seus celulares, muito mais que os peruanos das classes mais baixas que conheci. Eles também usam a internet e o *facebook*, porém não de forma tão constante como os estudantes.

O *facebook* foi um instrumento crucial de interação porque assim como eu tinha mais informações sobre os peruanos que eu conhecia, eles também tinham mais informações sobre mim. Os peruanos também podiam comprovar as informações que eu lhes dera pessoalmente, que no *facebook* estão disponíveis para eles e todos os meus demais amigos, e ainda comentar as publicações que eu fazia na rede. Alguns peruanos, por exemplo, comentavam comigo que tinham visto as fotos do meu casamento e das viagens que fiz ao Peru.

Embora o *facebook* ofereça ferramentas para filtrar as pessoas que podem ter acesso às informações que cada usuário publica, eu não utilizo este recurso com os peruanos. Todos os comentários e informações disponíveis para meus amigos estão também disponíveis para os peruanos- muitos agora também meus amigos. Pelo *facebook*, eu também posso ter acesso às redes de amizades que os peruanos compartilham e, a partir delas, buscar contato com outros. Esta experiência virtual representou para mim uma ampliação da noção de observação participante e trabalho de campo, em que surgem novas possibilidades de construir a relação antropólogo e informante e mais ainda, de informante à amigo. Através de uma dinâmica não presencial que utiliza como recurso as novas tecnologias de comunicação, eu pude lidar com minha timidez de falar com

pessoas que não conheço, e muitas vezes discutir temas de maneira mais aprofundada que talvez não conseguiria fazer pessoalmente.

O trabalho de campo incluiu ainda a realização de entrevistas presenciais e via email com peruanos que chegaram ao Brasil como estudantes. As entrevistas seguiam um roteiro, previamente elaborado (*ver anexo 3*). As entrevistas presenciais duraram de 30 minutos a 2 horas e foram gravadas e transcritas. Além dos peruanos que vieram para o Brasil, entrevistei via *skype* um peruano que estudou nos EUA. Além do material coletado nas entrevistas, esta tese também se baseia nas anotações no diário de campo e em conversar informais com peruanos, estudantes ou não.

Além de usufruir das tecnologias de comunicação para aprofundar minha relação com os estudantes peruanos, também fui grandemente beneficiada pela expansão do acesso ao transporte de alta velocidade, e, principalmente pelo barateamento das passagens aéreas. Quando eu construí o projeto de pesquisa, eu pensava em fazer parte do trabalho de campo no Peru. Mas, devido às restrições do financiamento de pesquisa, decidi que seria mais prudente fazer todo o trabalho de campo no Rio de Janeiro, cidade onde residimos eu e os estudantes peruanos e por onde posso me locomover sem maiores dificuldades. Desde 2011, as sucessivas promoções de passagens aéreas para o Peru me permitiram ir ao país em diferentes ocasiões. Embora imprevistas, estas viagens foram muito importantes para que eu pudesse estabelecer conexões entre os peruanos no Rio de Janeiro e os peruanos no Peru. Elas também foram fundamentais para que eu pudesse ter acesso à bibliografia de autores peruanos, que não estão à venda no Brasil.

Nas cinco viagens que fiz ao Peru no período de junho de 2011 a maio de 2013, eu participei de 2 congressos acadêmicos, conversei com pesquisadores da área de migração, me encontrei com amigos e familiares dos peruanos que conheci no Rio de Janeiro. Participei ativamente do fluxo transnacional de remessas, transportando encomendas do Brasil para o Peru e vice-versa, levando desde temperos essenciais para a comida peruana, como o *ají amarillo*, até roupas, remédios, dinheiro e instrumentos musicais. Visitei as cidades de Lima, Huaraz, Chincha, Andahuaylas, Arequipa, Cusco, Ayacucho e Puno, tendo a chance de ver ao vivo e em cores as imensas diferenças entre a Costa e a Serra que tanto me

falavam os peruanos no Rio de Janeiro. Conheci família e amigos dos meus amigos peruanos no Rio de Janeiro. Tudo isso contribuiu para expandir minha capacidade de compreender o que os peruanos me diziam e me ensinavam sobre o Peru e as comparações com o Brasil.

## V.

O Peru abriga uma população de mais de 29 milhões de habitantes em seus 25 departamentos, tendo seu território dividido em três grandes regiões, demarcadas pela cordilheira dos Andes: Costa, Serra e Selva. A Costa é a região que assumiu um lugar de destaque no desenvolvimento econômico e político do país e é nela onde está localizada a capital do país, Lima e os departamentos de Arequipa e La Libertad, importantes pontos de origem dos estudantes peruanos. A Serra é demarcada pela cordilheira dos Andes, pela forte presença indígena e pelo predomínio de áreas rurais. Na história pré-colonial, a região abrigou a capital do império Inca, além de outras populações pré-hispânicas.

Na Serra está localizado o departamento de Cusco, que abriga a mundialmente conhecida cidade inca de Machu Picchu. Já a selva abarca a região amazônica, que, preterida no imaginário social peruano, quando lembrada é pelo exotismo e exuberância da natureza. É na Selva que está localizada província de Iquitos. Na viagens fiz ao Peru no período da pesquisa, tive a oportunidade de visitar os departamentos de Ancash, Arequipa, Apurímac, Ayacucho, Cusco e Puno, departamentos distribuídos de norte a sul da Serra Peruana e Lima e Ica, departamentos localizados na Costa Central.

Figura 1- Mapa político do Peru



Fonte: [webinei.inei.gov.pe](http://webinei.inei.gov.pe)

Assim como no âmbito da sua geografia o Peru é entendido como dividido em três partes, ele também é compreendido como tripartite na sua composição étnico-racial, dividido entre o branco *criollo*, o índio e o *mestizo* (Degrogori, 2012). Enquanto o branco *criollo*, ou seja, os descendentes dos espanhóis, habitariam principalmente a costa do país, o índio teria como lugar de origem a serra. O *mestizo* representaria a miscigenação do branco com o índio, que estaria tanto na costa quanto na serra. Nesta classificação étnica das regiões do Peru, a selva raramente é lembrada, assim como os negros, questão que discutiremos no capítulo 3.

Os jovens que participam deste trabalho saíram do Peru com idade entre 18 e 40 anos, são predominantemente homens. Todos os estudantes chegaram ao Brasil solteiros, sem filhos e pertenciam às classes médias/médias baixas das mais variadas partes do Peru. Entre os atores da pesquisa oriundos de Lima, alguns, antes de vir para o Brasil, viviam em bairros de classe média, como *Barranco* e *San Isidro*. Outros viviam em bairros periféricos nos chamados *Conos- Sur* e *Norte-*, áreas de ocupação no entorno de Lima que os estudantes comparam com as favelas brasileiras. Há ainda aqueles que são de Callao, província pertencente ao departamento de Lima, famosa por sua tradição portuária e por abrigar o aeroporto internacional Jorge Chávez.

Além daqueles que nasceram em Lima e lá viveram até chegarem no Brasil, há estudantes oriundos de outras partes do Peru, incluindo departamentos na costa norte e sul, serra norte, sul e central e Selva. Da Costa norte, há um destaque para o significativo número de estudantes vindos de Trujillo, capital do departamento La Libertad. Além de Trujillo, no Rio de Janeiro há outros peruanos que vieram de Cajamarca, região da serra norte do país e de Ancash, estado localizado ao norte de Lima que se estende da serra à costa.

Do sul do país, há estudantes vindos de departamentos costeiros, como Tacna e Arequipa. Outros, viviam em departamentos da serra, principalmente em Cusco, mas também Moquegua; da Serra central, encontramos o caso de um estudante de Huancayo, no departamento de Junín. Da selva, há apenas o caso de um estudante que é natural de Iquitos, Loreto.

O quadro abaixo mostra o perfil dos estudantes peruanos no Brasil envolvidos da pesquisa. No esquema abaixo estão presentes os peruanos que

estudam ou estudaram no Rio de Janeiro e foram entrevistados pessoalmente; estudantes peruanos no Rio de Janeiro que não foram diretamente entrevistados, mas com quem convivi intensamente ao longo do trabalho de campo, assim como um caso de um ex-estudante que atualmente mora no Rio de Janeiro, mas fez sua graduação no Paraná. Entre os atores envolvidos na pesquisa há uma estudante peruana que estudou em São Paulo e continuou a residir na cidade depois de formada. Ela estudou na USP e, através da página dos estudantes peruanos da USP no *yahoo groups*, a estudante respondeu o roteiro de entrevista via email. Com a participação da ex-estudante da USP eu pude comparar a experiência dela em São Paulo com aquela vivida pelos estudantes peruanos no Rio de Janeiro.

Quadro 1- Perfil dos atores da pesquisa

Pseudônimo	Idade	Origem	Ano de Chegada	Curso de Graduação	Univerdade	Curso no Brasil	Instituição
Agustín	30	Lima	2012	Engenharia	UNMSM	Mestrado	PUC-RJ
Alejandro	42	Lima	1993	Música	UFRJ	Graduação	UFRJ
Antonio	70	Cusco	1968	Agronomia	UFRRJ	Graduação	UFRRJ
Augusto	32	Lima	2012	Geologia	UNI	Mestrado	PUC-RJ
Carla	41	Lima	2000	Ciências Biológicas	Universidad Ricardo Palma	Mestrado	FIOCRUZ
Cristiana	38	Lima	1995	Artes Cênicas	UniRio	Graduação	UniRio
Daniel	35	Lima	1996	Administração	UFRJ	Graduação	UFRJ
Douglas	-	Anchash	2003	Engenharia	UNI	Mestrado	PUC-RJ
Eduardo	31	Anchash	2007	Engenharia	UNI	Mestrado	PUC-RJ
Emiliano	25	Lima	2011	Engenharia	Universidade Ricardo Palma	Mestrado	PUC-RJ
Enrique	32	Cusco	1996	Informática	Universidade Gama Filho	Graduação	Gama Filho
Gabriela	27	Arequipa	2009	Engenharia Industrial	UNSA	Mestrado	PUC-RJ
Gladys	36	Chincha (Ica)	1993	Economia	UFRJ	Graduação	UFU/UFRJ
Guadalupe	32	Lima	2011	Geologia	UNMSM	Mestrado	PUC-RJ
Guillermo	-	Cajamarca	1993	Administração	-	Mestrado	FGV-RJ
Isabel	-	Cajamarca	-	Física	UNT	Mestrado	PUC-RJ
Jeremia	29	Lima	2010	Engenharia	UNI	Mestrado	PUC-RJ
Juan	51	Lima	1983	Engenharia	UFPR	Graduação	UFPR
Leonardo	30	Cusco	2009	Engenharia	UNSAAC	Mestrado	PUC-RJ
Leyla	31	Lima	2011	Engenharia	Un. Nacional del Callao	Mestrado	UFRJ
Lorenzo	30	Lima	2000	Comunicação Social	UFF	Graduação	UFF
Luis Fernando	32	Tacna	1996	Arquitetura	UFRJ	Graduação	UFRJ
Néstor	30	Huancayo	2012	Engenharia	UNCP	Mestrado	UFRJ
Oscar	42	Iquitos (Loreto)	1988	Administração	UFRJ	Graduação	UFRJ
Osvaldo	32	Moquegua	2004	Engenharia	UNSA	Mestrado	UFRJ
Piedad	45	Ancash	1999	Engenharia	UNI	Mestrado	USP
Renato	24	Cusco	2006	Direito	UERJ	Graduação	UERJ
Ricardo	30	Trujillo	2005	Física	UNT	Mestrado	CBPF
Rubén	32	Arequipa	1996	Engenharia	UFRJ	Graduação	UFRJ
Sofia	29	Trujillo	2006	Física	UNT	Mestrado	CBPF
Solange	40	Lima	2011	Engenharia	UNMSM	Mestrado	UNMSM
Tomás	31	Arequipa	2005	Engenharia	UNSA	Mestrado	UFRJ
Vania	21	Tacna	2011	Relações Internacionais	UFF	Graduação	UFF
Victor	32	Trujillo	2006	Engenharia	UNT	Mestrado	PUC-RJ
Virgilio	38	Lima	1996	Artes Cênicas	UniRio	Graduação	UniRio
Walter	28	Arequipa	2009	Engenharia	UNSA	Mestrado	PUC-RJ

Neste trabalho, empregarei o termo "estudantes" para me referir aos sujeitos da pesquisa, que são peruanos que chegaram no Rio de Janeiro como estudantes. Alguns deles já são formados e continuaram na cidade como profissionais. Estes também serão denominados como "estudantes", remetendo à maneira como eles chegaram no Rio de Janeiro e tiveram sua primeira inserção na sociedade local. Ao longo da pesquisa, também mencionarei episódios e fala de outros peruanos que vivem no Rio de Janeiro, mas chegaram na cidade com outros objetivos que não o estudo. Estes serão denominados como "imigrantes" ou simplesmente "peruanos" e terão seu perfil explicado ao longo do texto. Todos os participantes da pesquisa tiveram seus nomes verdadeiros substituídos por nomes fictícios, para preservar sua identidade. Os nomes fictícios foram escolhidos inspirados na pesquisa em sites de jornais e universidades peruanos, para se aproximar dos nomes frequentemente empregados na realidade do país de origem.

## VI.

Esta está dividida em duas partes: a introdução e cinco capítulos. Na Introdução, apresentei como o problema de pesquisa do qual trata este trabalho foi desenvolvido, quem são e de onde vêm os indivíduos que participaram desta pesquisa e qual aparato teórico que estrutura a análise que será realizada nos próximos capítulos.

O capítulo 2, *A imigração peruana no Rio de Janeiro*, aproxima o leitor da organização social dos peruanos na cidade no Rio de Janeiro. Inicio o capítulo explicando como comecei a compreender a dinâmica de interação dos peruanos a partir da Copa Peru-Rio, campeonato de futebol organizado anualmente por imigrantes peruanos para comemorar a independência do Peru. Após refletir sobre os elementos que entram em jogo na construção dos grupos de afinidades entre os peruanos, me concentro no caso dos estudantes analisando seu perfil, sua trajetória prévia à saída do Peru, as formas de acesso à universidade brasileira, as redes que constroem e o papel que eles assumem na consolidação de uma coletividade peruana na cidade.

No capítulo 3, *Peru, o ponto de partida*, o foco está em compreender o contexto no qual o projeto de vir para o Brasil como estudante começa a gestado.

Uma vez que todo movimento de chegada pressupõe um movimento prévio, de sair de algum outro lugar (Sayad, 1998), este capítulo tem como objetivo compreender os significados do deslocamento internacional e da educação- dentro e fora do país- para a sociedade peruana. Numa sociedade em que as migrações internas colocaram em xeque as hierarquias raciais, geográficas e econômicas do país, a emigração se tornou um fenômeno presente no campo de possibilidades daqueles que buscam melhores condições de vida, sobretudo quando já viveram uma experiência migratória dentro do próprio país. Para os jovens peruanos que participam desta pesquisa, as migrações internas e internacionais são uma realidade próxima da sua vida cotidiana e, em alguns casos, servem de mola propulsora para sua saída do país como estudante.

No capítulo 4, *Brasil, a construção de um destino*, a discussão gira em torno das condições objetivas e intersubjetivas que fizeram do Brasil o lugar de destino para os jovens peruanos. Para nenhum deles, o Brasil era a primeira opção, mas se tornou uma possibilidade atraente quando souberam, através de suas redes, das bolsas que poderiam ter no país. Esta oportunidade, somada à imagem de Brasil difundida no Peru- como o país das praias, do carnaval e do futebol- , fizeram que o país se tornasse uma opção.

No capítulo 5, *O cotidiano no Rio de Janeiro*, aborda a chegada dos estudantes peruanos o Rio de Janeiro, analisando sua inserção na cidade e a comparação que eles estabelecem entre a imagem que eles tinham do Rio de Janeiro antes de chegar e a realidade por eles aqui vivida. É na vida cotidiana na cidade de encontrar um lugar para morar, definir o que comer, se relacionar com os brasileiros, lidar com a Polícia Federal que se constrói a experiência migratória. Através dela, os estudantes se percebiam como estrangeiros que estabelecem uma relação particular com o Rio de Janeiro. Diferentemente dos turistas, que apenas conhecem a cidade superficialmente, os estudantes consideram que é justamente na vida cotidiana que eles são capazes de desenvolver uma relação mais profunda com a cidade e seus habitantes e ter uma percepção mais crítica e precisa de como são os cariocas e o Rio de Janeiro.

O sexto e último capítulo, *Os imponderáveis da experiência migratória*, trata das repercussões que a experiência de viver no Brasil como estudante provoca na subjetividade dos jovens peruanos. Neste capítulo, exploro o

argumento de que embora os estudantes peruanos se diferenciam dos imigrantes por inúmeros elementos, eles são atores que vivem uma experiência migratória, entendida como um conjunto de vivências que têm como pano de fundo o deslocamento no espaço que permite que os indivíduos lancem um olhar crítico sobre si mesmos, seu país de origem e a sociedade receptora. É na vida cotidiana no Rio de Janeiro que os estudantes descobrem que a experiência de estudar no exterior significa muito mais que obter uma formação profissional e acadêmica. Ela proporciona uma série de vivências que possibilitam transformações na maneira do estudante se compreender como indivíduo.

As considerações finais traçam uma reflexão sobre os sentidos e significados que se colocam em jogo na relação entre os projetos e o campo de possibilidades na experiência migratória dos estudantes peruanos. Tais sentidos estão representados na expressão "*P'a crecer en la vida*", utilizada por um informante que explica por quê as famílias peruanas, marcadas por uma cultura tradicional e relativamente fechada, apoiam a saída de seus filhos do país. Apesar da mobilidade estudantil, da maneira como empreendida é pelos jovens peruanos, seja caracterizada como um deslocamento individual, no processo de (re)construção dos projetos, ela é fortemente influenciada por sua família e pela sociedade peruana que valorizam positivamente o estudar no exterior. Entretanto, a experiência de se afastar da sociedade peruana permite a eles conhecerem variadas alternativas de vidas que, muitas vezes, se confrontam com as expectativas atribuídas aos indivíduos no Peru. Nesta ambígua relação, a experiência migratória abre um novo leque de possibilidades para os jovens encontrarem novas formas de se inserir na sociedade peruana e no mundo.